



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**UM ESTUDO SOBRE AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO
FÍSICA ESCOLAR.**

Ivaldo Moraes Rodrigues

Campina Grande – PB

2010

Ivaldo Moraes Rodrigues

**UM ESTUDO SOBRE AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO
FÍSICA ESCOLAR.**

Monografia apresentada à Banca Examinadora da Universidade Estadual da Paraíba, como exigência parcial para obtenção do grau de Licenciado em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Ribeiro Dantas

Campina Grande – PB

2010

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

R696u

Rodrigues, Ivaldo Moraes.

Um estudo sobre avaliação na educação física escolar [manuscrito]. / Ivaldo Moraes Rodrigues. – 2010.

40 f.: il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2010.

“Orientação: Prof. Dr. Eduardo Ribeiro Dantas, Departamento de Educação Física”.

1. Avaliação Escolar. 2. Educação Física Escolar. 3. Aprendizagem. I. Título.

21. ed. CDD 371.27



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

Centro de Ciências Biológicas e da Saúde

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

ATA DA DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - TCC DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA, DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA, DO CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE, DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA, AOS 16 DIAS DO MÊS DE DEZEMBRO DO ANO 2010 ÀS 15 : 00 HORAS, NA SALA AUDIOVISUAL, COM A PRESENÇA DOS PROFESSORES PARTICIPANTES DA BANCA EXAMINADORA ABAIXO DISCRIMINADA, REALIZOU-SE A DEFESA DO TRABALHO CONCLUSÃO DE CURSO DESENVOLVIDO PELO ALUNO(A) IVALDO MORAES RODRIGUES.

ORIENTADO(A) _____ PELO(A) PROFESSOR(A) EDUARDO RIBEIRO DANTAS O

PERÍODO DA DEFESA TRANSCORREU COM CONFORMIDADE COM AS NORMAS ESTABELECIDAS PELA RESOLUÇÃO CONSEPE/032/2009. O (A) ALUNO(A) UTILIZOU 20 MINUTOS PARA A APRESENTAÇÃO DO SEU TCC, AO TÉRMINO DA DEFESA O (A) ALUNO (A) JUNTAMENTE COM O PÚBLICO RETIROU-SE DA SALA E A BANCA A PORTAS FECHADAS EMITIU O PARECER, ATRIBUINDO A NOTA AO(À) ALUNO(A). EM SEGUIDA O(A) ALUNO (A) FOI RECONDUZIDO À SALA E A SUA NOTA FOI DIVULGADA. OBTENDO: 9,5 (NOVE E MEIO) PELOS EXAMINADORES. A(O) ORIENTADOR(A) AGRADECEU A PRESENÇA DE TODOS.

BANCA EXAMINADORA : (Orientador) _____

Campina Grande, 16 de DEZEMBRO de 2010.

Versão Final DIGITAL entregue em: 18 / 01 / 2011

Coordenação do TCC

*A Deus, minha fortaleza e
inspiração, que esteve sempre do
meu lado me guiando e me
ajudando nessa caminhada. A
ele toda honra e toda glória.*

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Eduardo Ribeiro, meu orientador, pelo incentivo e apoio nunca negados.

Aos Professores avaliadores, e a todos os professores do Curso de Licenciatura em Educação Física que contribuíram de alguma forma para a realização desse trabalho. Agradeço a oportunidade e apoio.

A minha esposa Michelly, pelo amor e apoio de sempre.

A minha mãe e meus avós pelo amor e cuidados.

A todos os meus colegas de curso em especial ao meu querido amigo e falecido Cezário Emanuel.

RESUMO

A avaliação vem sendo um dos temas mais discutidos por especialistas em Educação. Avaliar é importante na medida em que fornece informações acerca do nível de aprendizagem dos alunos e dá oportunidade ao professor de intervir. Entretanto, a avaliação, inclusive em Educação Física, não tem sido utilizada dessa forma; muitas vezes ela cumpre apenas um papel classificatório; excluindo os alunos que não se adequaram aos padrões estabelecidos. Investigamos a seguinte questão: como avaliar os alunos individualmente, de maneira não classificatória? O principal objetivo desse estudo foi investigar como avaliar a aprendizagem dos alunos em aulas de Educação Física, levando em conta suas individualidades e limitações; considerando as diferenças de aprendizagem entre alunos de diferentes faixas etárias. Realizamos uma pesquisa bibliográfica acerca do tema Avaliação Escolar em Educação Física e após a leitura e fichamento das fontes, elaboramos a presente Monografia, apresentando os pontos de vista dos diversos autores especialistas; além dos pontos de discordância e concordância entre os mesmos. Com relação às diferenças de aprendizagem e faixa etária dos alunos, durante a pesquisa encontramos mais críticas à Avaliação classificatória do que sugestões e orientações para a prática de uma avaliação inclusiva e que respeite as individualidades dos alunos. Concluímos que a avaliação nas aulas de Educação Física deve privilegiar a individualidade dos alunos e o desenvolvimento de suas habilidades, capacidades e crescimento físico e mental; sem comparar os mesmos, considerando as limitações e os avanços de cada um.

PALAVRAS CHAVE- Avaliação; Escola; Educação Física.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
CAPÍTULO I – LIMITES E POSSIBILIDADES DA AVALIAÇÃO ESCOLAR.....	14
1.1 TIPOS DE AVALIAÇÃO.....	17
1.2 TÉCNICAS E INSTRUMENTOS AVALIATIVOS	18
1.3 CONTEÚDOS ESCOLARES E AVALIAÇÃO – O QUE AVALIAMOS	20
CAPÍTULO II – LIMITES E POSSIBILIDADES DA AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.....	22
2.1 - LIMITES DA AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.....	22
2.2 - POSSIBILIDADES PARA A AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.....	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
REFERÊNCIAS.....	37

INTRODUÇÃO

Atualmente, a avaliação é um dos temas mais discutidos por especialistas em educação. Avaliar é importante na medida em que fornece informações acerca do nível de aprendizagem dos alunos e dá oportunidade ao professor de intervir, reorientando sua prática pedagógica.

Entretanto, a avaliação não tem sido utilizada dessa forma. Muitas vezes ela cumpre apenas um papel classificatório excluindo os alunos que não se adequaram aos padrões estabelecidos.

A avaliação é comumente confundida com provas, testes e outros instrumentos para a verificação da aprendizagem. Segundo Luckesi (2006, p. 18), especialista na área, as provas e exames são apenas instrumentos de classificação e seleção, que não contribuem para qualidade do aprendizado nem para o acesso de todos ao sistema de ensino.

Em Educação Física, segundo Farias Junior (*apud* Coletivo de Autores, 1992), a prática pedagógica sobre avaliação tem privilegiado o uso de testes e materiais para fins classificatórios e seletivos.

Essa ênfase tem servido para confundir e ocultar importantes reflexões sobre avaliação, reforçando a função seletiva, disciplinadora e meritocrática que a mesma assume na escola. Isso consolida, através dos instrumentos e medidas, a legitimação do fracasso, a discriminação, a evasão e expulsão dos alunos, principalmente daqueles oriundos da classe trabalhadora (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 68).

Daí surge o seguinte questionamento: como avaliar os alunos individualmente, de maneira não classificatória? Esta é uma questão que ainda não foi totalmente respondida na Educação Física.

A avaliação que se pratica na escola é a avaliação da culpa. As notas são usadas para fundamentar necessidades de classificação de alunos onde são comparados desempenhos, e não objetivos que se desejam atingir (LUCKESI, *apud* LAGE, 2009, p. 18).

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNS para a Educação Física no Ensino Fundamental (1998), o processo de avaliar não se restringe a estabelecer uma nota.

A nota poderá adquirir um significado maior quando tornar-se uma referência qualitativa ou quantitativa, que expressa e faz parte do próprio processo de ensino e aprendizagem e não apenas como um produto resultante dele. [...] O professor de Educação Física encontra-se em uma posição privilegiada para avaliar a partir desses critérios informais, como o interesse, a participação, a organização para o trabalho cooperativo, o respeito aos materiais e aos colegas, pois esses aspectos tornam-se bastante evidentes nas situações de aula. O fundamental é que esses critérios devem estar claros para o professor e serem explicitados para os alunos (BRASIL, 1998, p. 59).

Alguns critérios de avaliação são citados pelos Parâmetros para o terceiro e quarto ciclos, tais como: realizar as práticas da cultura corporal do movimento, valorizar a cultura corporal de movimento e relacionar os elementos da cultura corporal com a saúde e a qualidade de vida. As orientações dos Parâmetros são úteis para turmas homogêneas em que os alunos pertencem à mesma faixa etária. Por outro lado, não deixa claro como proceder em casos em que a turma apresenta diversidade de idades.

Em turmas que apresentam diversidade de faixa etária, o professor de Educação Física enfrenta uma dificuldade maior no que diz respeito não só a preparação de aulas adequadas que atendam às necessidades de todos, como também à avaliação da aprendizagem e desenvolvimento desses alunos.

Segundo Hoffmann (1998, p. 33), “se respeitadas as diferenças dos alunos no seu tempo de construção do conhecimento, não poderão as escolas

persistirem na reprovação em função de critérios padronizados [...] ”. Neste sentido, a avaliação é imprescindível na medida em que transmite informação sobre o grau da aprendizagem, como também, das dificuldades dos alunos, individualmente. Portanto, cabe ao professor o papel de intervir, procurando diagnosticar os obstáculos encontrados após as práticas de ensino, orientando cada aluno a partir de suas necessidades individuais.

Trata-se de perseguir um espírito investigador sobre o processo de aprendizagem de cada aluno, propondo problemas, analisando as reações, adaptando novas perguntas às suas respostas, variando e ampliando os modos de observação sobre ele (HOFFMANN, 1998, p. 33).

Considerando a necessidade de se avaliar os alunos individualmente, buscamos investigar a seguinte questão: que orientações podemos encontrar para avaliar os alunos na aula de Educação Física, levando em conta suas diferenças de aprendizagem?

Este estudo revela-se importante e pode contribuir como apoio para profissionais na área de Educação Física Escolar; que buscam adequar os métodos de avaliação às novas práticas pedagógicas que permitem ao aluno uma maior participação no processo de aprendizagem e construção do próprio conhecimento; na busca de atender melhor os alunos, de acordo com suas necessidades individuais.

Se pensarmos que a prática pedagógica em Educação Física se realiza em turmas constituídas por alunos de diferentes faixas etárias, hábitos culturais e sociais, o que pode acentuar as diferenças de aprendizagem, essa pesquisa pode contribuir com a superação de uma prática avaliativa ultrapassada.

O objetivo geral desse estudo foi reconhecer e analisar as orientações para a avaliação na Educação Física escolar, considerando as diferenças de aprendizagem entre alunos de diferentes faixas etárias. Formulamos os seguintes objetivos específicos:

1) Identificar as referências teóricas que dão suporte a essas orientações;

2) Identificar as principais críticas feitas a avaliação na Educação Física escolar, destacando pontos de superação propostos e a relação com as diferenças de aprendizagem entre alunos de diferentes faixas etárias.

Para atingir os objetivos propostos acima realizamos uma pesquisa bibliográfica, através de levantamento de algumas pesquisas já realizadas sobre o tema avaliação e sua prática na Educação Física Escolar; além da leitura de documentos oficiais como Parâmetros Curriculares Nacionais e de livros, revistas e artigos de especialistas na área; especificamente da Educação Física.

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. [...] as pesquisas sobre ideologias, bem como aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema, também costumam ser desenvolvidas quase exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. (GIL, 1991, p. 48).

Para Gil (1991, p. 59) a pesquisa bibliográfica pode ser entendida como um processo que envolve as seguintes etapas:

- a) Escolha do tema;
- b) Levantamento bibliográfico preliminar;
- c) Formulação do problema;
- d) Elaboração do plano provisório de assunto;
- e) Busca das fontes;
- f) Leitura do material;
- g) Fichamento;
- h) Organização lógica do assunto;
- i) Redação do texto.

Segundo Gil (1991, p. 64) após a elaboração do plano de trabalho, o passo seguinte consiste na identificação das fontes capazes de fornecer as respostas adequadas à solução do problema proposto. Para o autor as principais fontes de interesse para a pesquisa bibliográfica são: obras de referência, teses e dissertações, periódicos científicos, anais de encontros científicos e periódicos de indexação e de resumo.

Seguimos o autor e as etapas sugeridas e elaboramos o nosso plano de trabalho. Em seguida, pesquisamos e adquirimos as seguintes fontes:

- 1- Teses e dissertações do banco de teses da CAPES;
- 2- Anais do CONBRACE (Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte);
- 3- Revista Pensar a Prática e Revista Brasileira de Ciências do Esporte (periódicos científicos);
- 4- Dicionário Crítico de Educação Física (obra de referência);
- 5- Livros da área da Educação e da Educação Física;
- 6- Parâmetros Curriculares Nacionais para a Educação Física.

Confeccionamos as fichas, seguindo as orientações de Gil (1991, p. 71). Segundo o autor, o processo de fichamento serve aos seguintes objetivos:

1. Identificação das obras consultadas;
2. Registro do conteúdo das obras;
3. Registro dos comentários acerca das obras;
4. Ordenação dos registros.

Após a leitura e fichamento das fontes, elaboramos a presente Monografia, apresentando os pontos de vista dos diversos autores acerca da Avaliação Escolar em Educação Física; além dos pontos de discordância e concordância entre eles.

Este estudo está dividido em dois capítulos. No primeiro capítulo apresentamos o conceito de avaliação, tipos de avaliação e instrumentos avaliativos. No segundo capítulo discutimos os limites e as possibilidades da avaliação escolar na Educação Física escolar.

CAPÍTULO I – LIMITES E POSSIBILIDADES DA AVALIAÇÃO ESCOLAR

Para mim, a competência docente consiste antes de tudo em saber fazer um balanço analítico das aquisições, em medir o trajeto percorrido, em identificar os obstáculos e as resistências, em promover regulações (TARDIF *apud* PERRENOUD, 2009, p.11).

Quando ouvimos a palavra avaliação é comum lembrarmos de testes e provas escolares. Entretanto, segundo os autores especialistas em educação, esse não é o real sentido da avaliação escolar.

Para Luckesi (2008), “a Avaliação é um juízo de valor; o que significa uma afirmação qualitativa sobre um dado objeto, a partir de critérios pré-estabelecidos”. Em segundo lugar, esse julgamento se faz com base nos caracteres relevantes da realidade (do objeto da avaliação) e em terceiro lugar a avaliação conduz a uma tomada de decisão. Ou seja, para o autor, avaliar significa tomar uma posição diante do objeto avaliado, no caso da Educação, a aprendizagem.

A avaliação pode ser caracterizada como uma forma de ajuizamento da qualidade do objeto avaliado, fator, que implica uma tomada de posição, a respeito do mesmo, para aceita-lo ou para transforma-lo. A definição mais comum adequada, encontrada nos manuais, estipula que a avaliação é um julgamento de valor sobre manifestações relevantes da realidade, tendo em vista uma tomada de decisão (LUCKESI *apud* LUCKESI, 2008, p. 33).

Entretanto, em muitas escolas brasileiras as provas e testes são realizados apenas para informar aos pais e à comunidade escolar as notas obtidas pelos alunos. Nenhuma ação é tomada posteriormente para sanar as dificuldades percebidas. Nesses casos, a própria recuperação apenas mascara os problemas de aprendizagem, pois está focada apenas na melhoria das notas e não na real aprendizagem.

Por outro lado Libâneo (1994, p.195) “afirma que a avaliação é uma tarefa didática necessária e permanente do trabalho docente, que deve acompanhar, passo a passo, o processo de ensino e aprendizagem”. Pois é através da avaliação que os resultados vão sendo alcançados no dia a dia do trabalho e a relação professor e aluno são comparados com os objetivos almejados, no sentido de identificar dificuldades e progressos além de se preocupar com a reorientação do trabalho a fim de alcançar as correções essenciais.

A avaliação também permite uma reflexão sobre o nível de qualidade do trabalho escolar do professor e do aluno. Para o autor a avaliação não é simplesmente a formulação e aplicação de prova ou a atribuição de notas, mas, uma apreciação qualitativa, um diagnóstico do aprendizado dos alunos.

Segundo Luckesi, (*apud* LIBÂNEO, 1994, p.196), a avaliação é uma apreciação qualitativa sobre dados relevantes do processo ensino e aprendizagem que auxilia o professor a tomar decisões sobre o seu trabalho.

Libâneo (1994) concorda com Luckesi ao afirmar que a avaliação escolar é um componente do processo de ensino que visa, através da verificação e qualificação dos resultados obtidos, determinar a correspondência destes com os objetivos propostos. Para o autor, a avaliação escolar é parte integrante do processo de ensino e aprendizagem, e não uma etapa isolada. A mesma também ajuda a tornar mais claro os objetivos que se quer atingir.

Os alunos não são iguais, nem no nível sócio-econômico, nem nas suas características pessoais. Levando em conta a diversidade de faixa etária e de tempo para a aprendizagem, o processo avaliativo deve ajudar os alunos a conviver com essas diversidades.

Com relação às diferenças de aprendizagem, Libâneo (1994, p. 201), afirma que “a avaliação deve ajudar todas as crianças a crescerem: os ativos e os apáticos, os espertos e os lentos, os interessados e os desinteressados, possibilitando o conhecimento de cada aluno, estabelecendo uma base para as atividades de ensino e aprendizagem”.

A avaliação deve ter caráter objetivo, capaz de evidenciar os conhecimentos realmente assimilados pelos alunos, de acordo com os objetivos e os conteúdos trabalhados, como também ela deve ser um termômetro dos esforços do professor, para que o mesmo possa analisar os resultados de rendimento escolar dos alunos, e obter informações sobre o desenvolvimento do seu próprio trabalho (LIBÂNEO, 1994, p. 204).

Segundo o autor, a avaliação escolar envolve a objetividade e a subjetividade, tanto em relação ao professor como aos alunos, portanto, se o professor levar em conta apenas os aspectos objetivos, a mesma torna-se imparcial e mecânica. Assim, entendemos que é necessário ao avaliar observar os diferentes aspectos que influenciam a aprendizagem como: o meio no qual se encontram os alunos, as diferenças entre os mesmos, suas motivações e talentos pessoais. Além disso, diversificar as tarefas, para que todos possam ser avaliados de forma justa.

Segundo Hadji (1994, p. 22) a avaliação pode ser definida, num sentido geral, como a gestão do provável.

Avaliar é proceder a uma análise da situação e a uma apreciação das consequências prováveis do seu ato numa tal situação. A avaliação desenvolve-se no espaço aberto entre dúvida e certeza pela vontade de exercer uma influência sobre o curso das coisas, de "gerir" sistemas em evolução, constituindo o homem o primeiro desses sistemas. A avaliação é o instrumento da própria ambição do homem de "pesar" o presente para "pesar" no futuro.

Para o autor (1994, p. 27), avaliar pode significar, entre outras coisas: “verificar, julgar, estimar, situar, representar; determinar, dar um conselho, verificar o que foi aprendido, compreendido, retido”.

Propomo-nos, a partir daqui, em denominar avaliação o ato pelo qual se formulou um juízo de “valor” incidindo num objeto

determinado (indivíduo, situação, ação, projeto, etc.) por meio de um confronto entre duas séries de dados que são postos em relação: - dados que são da ordem do fato em si e que dizem respeito ao objeto real a avaliar; - dados que são da ordem do ideal e que dizem respeito a expectativas e tensões **ou** a projetos que se aplicam ao mesmo objeto (HADJI, 1994, p. 31).

Assim, entendemos que a avaliação é um processo parcial, contínuo, subjetivo e necessariamente inacabado. Considerando seu sentido ético e de respeito às diferenças, o educador deve ter compromisso com a avaliação da aprendizagem, levando para todos os educandos uma reflexão crítica para formação da cidadania.

1.1 TIPOS DE AVALIAÇÃO

Haydt (2004, p.16), “afirma que a avaliação apresenta três funções: Diagnosticar; Controlar; Classificar. Relacionadas a essas três funções, existem três modalidades de avaliação: diagnóstica, formativa e somativa”.

Segundo Haydt (2004), a avaliação diagnóstica é aquela realizada no início de um curso, período letivo ou unidade de ensino, com a intenção de constatar se os alunos apresentam ou não o domínio dos pré-requisitos necessário, isto é, se possuem os conhecimentos e habilidades imprescindíveis para as novas aprendizagens. É também utilizada para caracterizar eventuais problemas de aprendizagem e identificar suas possíveis causas, numa tentativa de saná-los.

A avaliação formativa tem função de controle e é realizada durante todo o decorrer do período letivo, com o intuito de verificar se os alunos estão atingindo os objetivos previstos, isto é, quais os resultados alcançados durante o desenvolvimento das atividades. É principalmente através da avaliação formativa que o aluno conhece seus erros e acertos e encontra estímulo para o estudo sistemático. Essa modalidade de avaliação é basicamente orientadora, tanto o estudo do aluno como o trabalho do professor. A avaliação formativa esta muito ligada ao mecanismo de feed-back, à medida que também permite

ao professor detectar e identificar deficiências na forma de ensinar, possibilitando reformulações no seu trabalho didático, visando aperfeiçoá-lo.

A avaliação somativa, com função classificatória, realiza-se ao final de um curso, período letivo ou unidade de ensino e consiste em classificar os alunos de acordo com níveis de aproveitamento previamente estabelecidos; geralmente tendo em vista sua promoção de uma série para outra, ou de um grau para outro.

Percebemos que a avaliação que se encontra hoje na maioria das nossas escolas é a avaliação somativa, realizada de forma pontual no final dos bimestres escolares. Esse tipo de avaliação não permite ao professor intervir, nem tomar uma posição para a melhoria da aprendizagem dos alunos, pois quando ela acontece já não há mais tempo para tais ações. Ao contrário do que está sendo visto, segundo os autores apresentados, a avaliação deve ser um processo contínuo, sistemático e diagnóstico na busca de verificar em que medida os objetivos propostos para o processo de ensino estão sendo alcançados. Além disso, deve levar em consideração as diferenças entre os alunos.

1. 2 TÉCNICAS E INSTRUMENTOS AVALIATIVOS

A avaliação é comumente confundida com provas e testes aplicados para verificar a aprendizagem de forma pontual. Contudo, as provas e testes são apenas instrumentos avaliativos que auxiliam o processo de avaliação. Para Mediano (*apud* HAYDT 2004, p. 56), a técnica de avaliação é o método de se obter as informações desejadas. O instrumento de avaliação é o recurso que será usado para isso.

Segundo Haydt (2004, p. 56), as técnicas e instrumentos de avaliação são classificados de diversas formas. Em geral, as classificações são elaboradas de acordo com a forma de coleta dos dados.

Apresentamos a seguir classificação adotada por Mediano (*apud* HAYDT, 1976, p. 58).

Quadro I – Classificação das técnicas avaliativas

Técnicas	Instrumentos	Observações
1- Observações	1.1 Anedotário 1.2 Lista de checagem 1.3 Escala de classificação	
2- Inquirição	2.1 Questionário 2.1.1 Inventário 2.1.2 Escala de atitudes 2.2 Roteiro de entrevista 2.3 Sociograma	A entrevista é um processo de obter informações. “E ao roteiro de uma entrevista que podemos chamar de instrumento de avaliação” (p.43).
3- Testagem	3.1 Teste construído pelo professor 3.2 Teste padronizado 3.2.1 Teste de aproveitamento 3.2.2 Teste de aptidão 3.3.3 Teste de personalidade e interesse	A autoria inclui o teste de inteligência na categoria dos testes de aptidão: “Um tipo especial de teste de aptidão é o teste de inteligência, que visa medir a habilidade mental ou a habilidade geral para aprender” (p.43).

Entendemos que para realizar uma avaliação adequada é indispensável utilizar instrumentos que se adequem ao que se deseja avaliar; tipos de conteúdo e aspectos inerentes aos mesmos. Por exemplo, se o professor deseja verificar como um aluno discute suas ideias e interage em grupo, o ideal é solicitar algum trabalho em grupo que seja apresentado oralmente e não um

teste escrito. Portanto, devemos decidir claramente o que queremos avaliar, aplicando assim um instrumento que se refira ao objetivo proposto. A seguir apresentamos os diferentes conteúdos escolares em Educação Física.

1.3 CONTEÚDOS ESCOLARES E AVALIAÇÃO – O QUE AVALIAMOS

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Educação Física (1998), os conteúdos de aprendizagem são apresentados dentro dos blocos, segundo sua categoria conceitual (fatos, princípios e conceitos), procedimental (ligados ao fazer) e atitudinal (normas, valores e atitudes), permitindo mais clareza na hora de identificar as intenções educativas.

Desse modo, deve-se considerar que essas categorias de conteúdo (conceitual, procedimental, atitudinal) sempre estão associadas, mesmo que tratadas de maneira específica.

Os conteúdos dos blocos são organizados em dois itens: o primeiro trata dos conteúdos atitudinais, e o segundo agrupa conteúdos conceituais e procedimentais.

Os conteúdos atitudinais (normas, valores e atitudes) são apresentados em primeiro plano, perpassando os três blocos, pois segundo os Parâmetros Curriculares, a aprendizagem de qualquer prática da cultura corporal de movimento que não considerá-los de forma explícita se reduzirá a mera aprendizagem tecnicista e alienada.

Entende-se por valores os princípios éticos e as ideias que permitem que se possa emitir um juízo sobre as condutas e seu sentido.

As atitudes refletem a coerência entre o comportamento e o discurso do sujeito. São as formas que cada pessoa encontra para expressar seus valores e posicionar-se em diferentes contextos.

As normas são padrões ou regras de comportamento construído socialmente para organizar determinadas situações; constituem a forma pactuada de concretizar os valores compartilhados por um coletivo e indicam o que se pode e o que não se pode fazer.

Em seguida, os conteúdos conceituais (conceitos e princípios) e procedimentais são distribuídos nas especificidades de cada bloco.

Os procedimentos expressam um saber fazer, que envolve tomar decisões e realizar uma série de ações, de forma ordenada e não aleatória, para atingir uma meta.

Os conceitos e princípios constituem-se em generalizações, deduções, informações e sistematizações relativas ao ambiente sociocultural. São organizados lado a lado em função do diálogo que se estabelece na cultura corporal de movimento entre o fazer, o pensar e o sentir.

É importante conhecer os diferentes conteúdos apresentados, tendo em vista que o professor deve ter clareza sobre quais aspectos deve avaliar (atitudes, conceitos e procedimentos) e de que forma pode realizar essa avaliação (quais instrumentos irá utilizar). Além disso, considerar as diferenças entre os alunos, pois a Educação Física não deve privilegiar os mais aptos, ou seja, aqueles que realizam com facilidade os procedimentos esportivos; mas valorizar também as atitudes e a disposição para o trabalho em equipe, o respeito aos colegas e a disposição para a aprendizagem de conceitos e princípios.

CAPÍTULO II – LIMITES E POSSIBILIDADES DA AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

2.1 LIMITES DA AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Sobre avaliação da Educação Física escolar no Ensino Fundamental, Gonzáles & Fensterseifer (2005, p. 43) afirmam que:

Apesar de não se pôr em dúvida o valor educativo da Educação Física, está em pauta seu sentido educativo. As versões tradicionais centram-se na obtenção do disciplinamento ou no desenvolvimento de capacidades (sejam físicas, motoras ou psicomotoras, segundo o referencial teórico).

Para os autores, os conteúdos a lecionar em Educação Física são construções culturais e práticas sociais. Desse modo, as capacidades ou as ações motoras não são consideradas como conteúdos da Educação física, mas são condições e efeito de ensino e aprendizagem e, adquirem sentido enquanto formam esse processo.

Para o Coletivo de Autores (1992, p. 68), as explicações teóricas sobre a avaliação do processo ensino-aprendizagem na Educação Física no Brasil vêm apresentando limitações, que procedem basicamente, do entendimento restrito sobre avaliação do ensino e, buscando esse raciocínio à luz de paradigmas (referências filosóficas, científicas, políticas) tradicionais, insuficientes para o entendimento desse fenômeno educativo em uma perspectiva mais abrangente;

[...] os estudos sobre avaliação em educação física estão direcionados por um único referencial, a saber, o paradigma docimológico clássico, onde as preocupações principais têm recaído nos métodos e técnicas usadas, criando-se testes, materiais e sistemas, estabelecendo-se critérios com fins classificatórios e seletivos (JUNIOR *apud* COLETIVO DE AUTORES, 1992. p. 68).

A falta do reconhecimento dessas inter-relações dialéticas, como por exemplo: a seleção, a retenção e a eliminação; o acesso ao conhecimento: a distinção teoria-prática em função das atribuições no processo de trabalho gera-se alguns obstáculos para compreender a avaliação como elemento metodológico complexo que compõe a prática pedagógica cotidiana de professores, alunos e administradores escolares.

Segundo o Coletivo de Autores (1992, p. 69), a partir de dados obtidos da observação sistemática das aulas de Educação Física;

Verifica-se que a avaliação tem sido entendida e tratada, predominantemente, por professores e alunos para: a) atender exigências burocráticas expressas em normas da escola; b) atender a legislação vigente; e c) selecionar alunos para competições e apresentações tanto dentro da escola quanto com outras escolas. Geralmente é feita pela consideração da "presença" em aula, sendo este o único critério de aprovação ou, então, reduzindo-se a medidas de ordem biométrica: peso, altura etc. bem como de técnicas: execução de gestos técnicos, "destrezas motor", "qualidades físicas", ou simplesmente, não é realizada.

Os alunos são comparados em seus desempenhos predominantemente "motores", observados fisiologicamente, mensuradas suas capacidades cardiovascular-respiratória, pois o que se busca, enfaticamente, são os "talentos esportivos", aqueles que participarão dos jogos ou das demonstrações "representando" a turma ou a escola.

Todo esse processo avaliativo vem, transformando a Educação Física escolar numa atividade desestimulante, segregadora e até aterrorizante, principalmente para os alunos considerados menos aptos, ou que não estejam decididos pelo rendimento esportivo, causando conseqüentemente um reducionismo das possibilidades pedagógicas.

A Educação Física, em seu processo de ensino-aprendizagem, está condicionada pelos significados que lhe são atribuídos tanto pela legislação vigente, quanto pelo processo de trabalho estabelecido no interior da escola e pelos conhecimentos e concepções dos professores e alunos envolvidos.

Um dos estudos realizados na década de 80 junto a escolas de 1º grau e que evidencia a predominância da tendência reprodutivista, ou seja, tendência de manutenção do status quo, é o de Ferreira. Constatou-se nesse estudo que, dentro de uma perspectiva reprodutivista:

- 1) O foco do ensino tem sido o sistema esportivo, determinando-se a partir daí os objetivos voltados predominantemente para promover o treinamento do esporte, transformando-o em trabalho com vistas ao alto rendimento.
- 2) As fontes de informação para seleção de conteúdos têm sido as técnicas e habilidades esportivas e o conhecimento dos mecanismos psico-fisiológicos do treinamento, do rendimento.
- 3) As normas e sanções advêm da performance e das vitórias esportivas, das competições e classificações por desempenho.
- 4) O professor é o controlador, treinador técnico e a idéia que se tem do aluno é a de um atleta em potencial, objeto de treinamento.
- 5) Entende-se aí as metodologias como modelos referenciados em desenhos ideais, predominando os procedimentos diretivos, ou seja, iniciativas centradas no professor.
- 6) O principal critério de avaliação e o modelo de desempenho predeterminado, sucesso em competições. A ênfase recai na avaliação somativa, ou seja, na avaliação entendida como soma de partes, soma de avaliações parciais, (FERREIRA apud COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 71).

2.2 POSSIBILIDADES PARA A AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Silva e Taffarel (2009, p.5) em pesquisa sobre o tema Avaliação constataram que;

Na maioria das vezes, as pesquisas denunciavam a utilização da avaliação como forma de classificação, seleção, exclusão dos alunos da escola, bem como outras características já denunciadas na literatura sobre a temática. Raros foram os estudos que fizeram a inter-relação da avaliação com outras categorias, ou seja, ela foi estudada de forma fragmentada no processo pedagógico.

Segundo os autores, é necessário examinar a prática da avaliação no contexto do projeto político-pedagógico que reflete o projeto histórico da sociedade.

A ausência da compreensão sobre o processo avaliativo tem levado muitos educadores a enfrentar dificuldades na formação inicial, quando deveriam receber conhecimentos sobre a avaliação da aprendizagem.

É importante destacar que a educação está inserida num contexto social e analisar a relação educação/sociedade é fundamental para entender a escola numa sociedade capitalista, pois, o papel desempenhado por ela passa pela reprodução do modo de produção da sociedade atual, ou seja, o modo capitalista. (SILVA & TAFFAREL, 2009, p.5).

Medina (apud BERRIA et al, 2009, p. 3), a partir de estudo realizado junto a alunos do ensino superior, destaca o aumento incontrolado de escolas de Educação Física que “jogam” no mercado profissionais totalmente desqualificados para a realização de papéis com cunho educativos. As escolas de Educação Física, em seus currículos, priorizam o aprendizado de disciplinas técnicas (desporto institucionalizado) em detrimento de um enfoque maior na área pedagógica do esporte, filosofia, história e outras.

O aprendizado de disciplinas técnicas é de grande importância para a Educação Física, o que não se admite é a visão técnica

– reprodutivista, que restringe o curso de formação de professores de Educação Física em sessões de treinamento. (MEDINA, apud BERRIA et al, 2009, p. 3).

As seguintes tarefas demandam reflexões ao avaliar: atribuir notas ou conceitos aos alunos de Educação Física, sem cometer injustiças ou engano. É importante ressaltar que o processo de avaliação não se restringe em estabelecer uma nota. A nota poderá adquirir um significado maior quando se torna uma referência qualitativa ou quantitativa, que expressa e faz parte do próprio processo de ensino e aprendizagem e não apenas como um produto resultante dele.

Para Berria (2009) a avaliação escolar tem sido discutida em diversos níveis de ensino. A avaliação escolar da Educação Física é um tema polêmico que exige muita discussão.

Avaliar o empenho ou o desempenho? Avaliar qualitativa ou quantitativamente? O grande problema está nos cursos de formação, ou seja, de licenciatura plena, que deveriam preparar os alunos, futuros professores, para avaliarem adequadamente sua clientela, utilizando critérios, formas e tipos de avaliação que atinjam os objetivos propostos inicialmente, (BERRIA et al 2009, p. 3)

Ramos et al (2009, p.1), a partir de pesquisa realizada com alunos do primeiro grau, concluiu que a avaliação sempre foi um mito; raramente discutida em reuniões pedagógicas, sala de aula ou informalmente entre colegas. Muitos educadores numa concepção errada/distorcida entendem a avaliação apenas como um fim e não enquanto uma possibilidade de constantes interrogações do jogo educativo.

Neste processo pedagógico, encontra-se a área da Educação Física que apresenta seus procedimentos avaliativos nas mais diferentes visões. Dentre elas, a visão que se apresenta dominante – segundo o Coletivo de Autores (apud RAMOS et al 2009, p. 2) - é aquela que tem recaído nos métodos e técnicas usadas. Criam-se testes, materiais e sistemas, estabelecendo-se critérios com fins classificatórios e seletivos. Uma realidade em que: “o significado é a meritocracia, a ênfase no esforço individual. A finalidade é a

seleção. O *conteúdo* é aquele advindo do esporte e a *forma* são os testes esportivos-motores” (COLETIVO DE AUTORES, apud RAMOS et al 2009, p. 2).

Acreditamos que esta realidade se reflete na prática de avaliar baseada no senso comum, ou seja, sem critérios estabelecidos, de maneira aleatória, totalmente fora do processo de ensino (quando este existe). Frente a esta discussão, o que se pretende deixar evidente é que a avaliação não se reduz a partes isoladas, que se desenvolve, ou no início, ou no meio, ou no fim, e sim que está relacionada com a totalidade do processo educativo, ou seja, deverá ter uma finalidade, um sentido, uma forma e um conteúdo.

a avaliação deve servir para indicar o grau de aproximação ou afastamento do eixo curricular fundamental, norteador do projeto pedagógico que se materializa nas aprendizagens dos alunos. (COLETIVO DE AUTORES apud RAMOS et al 2009, p. 2).

Palafox e Terra (1998, p. 2), em estudos levantados com alunos do ensino fundamental afirmam que, numa prática avaliativa utilizada como um mero instrumento de poder, a avaliação é vista como arma para hostilizar os alunos na Educação Física e exigir deles uma conduta disciplinada e submissa. Nesta perspectiva o processo avaliativo tem favorecido a tomada de decisões, muitas vezes arbitrárias, dos professores e das autoridades escolares, extrapolando-se assim sua função (“pegadinhas” nas provas, testes-relâmpagos, provas difíceis – são exemplos desse tipo de prática educacional).

Essas atitudes típicas de uma avaliação tradicional, advém de uma concepção e formação de educadores que tem por prática a reprodução de um modelo de ensino que prioriza a memorização orientada para um tipo de condicionamento em que o conhecimento apresenta-se pronto e acabado.

Dessa forma, uma vez que o processo histórico-social de construção de conhecimento não é levado em consideração, o professor aparece como sendo o ‘dono do saber’.

Como resultado dessa concepção e dessa prática educativa, observa-se um tipo de relação ensino-aprendizagem que tem

implicado, por parte do aluno, a obrigação de ser submetido à aceitação de conhecimentos e valores morais impostos pelo professor e pela escola, os quais se encontram vinculados a atitudes de obediência, passividade, não-resistência. Anula-se com isto a possibilidade do exercício do diálogo e a reflexão crítica; o processo termina coibindo ou minimizando o ato de criar e construir o conhecimento, individual e coletivamente. (PALAFOX & TERRA 1998, P. 2).

Por estes motivos, avaliar numa nova perspectiva de educação tem-se tornado muito difícil, visto que a avaliação escolar está associada a um sistema de notas que lhe dá sentido e significado. Os alunos, professores, os pais, estão sempre preocupados com as notas e não com o aprendizado.

Segundo Palafox & Terra (1998, p. 2), retirar o sistema de notas representaria, para muitos, a perda da 'identidade' da avaliação escolar, pois, dentre outros aspectos; acredita-se que lidar com o saber escolar equivale a exigir dos alunos um "padrão de conhecimento x", alcançado pelo produto de um processo ensino-aprendizagem que deve 'medir', de alguma maneira, a distância existente entre o formato apresentado pelo professor e aquilo que foi adquirido pelo aluno. Tal distância é formalmente chamada de "déficit"

O problema original que aqui se coloca é que, ao seguir esta lógica de pensamento avaliativo, terminamos movimentando-nos dentro de uma racionalidade puramente instrumental, pois esta é motivada pela necessidade de trabalhar produtivamente para superar os déficits apresentados pelos alunos. Lamentavelmente este tipo de dinâmica tem transformado o ato avaliativo num instrumento de distinção e separação entre os que sabem e não sabem, entre ganhadores e perdedores, entre privilegiados e os marginalizados do processo escolar. (PALAFOX & TERRA 1998, P. 4).

Segundo os autores, em relação à Educação Física, a prática dos professores esteve sempre influenciada pela educação e avaliação tradicional por meio da reprodução dos modelos de ensino estabelecidos. Especificamente, os aspectos valorizados nessa área do saber são a aptidão física e as habilidades desportivas. A avaliação sempre se deteve a comparar, classificar e selecionar os alunos com base no desempenho motor ou nas medidas biométricas dos mesmos.

Observamos após a leitura dos diferentes autores muitas críticas à Avaliação tradicional e classificatória. Contudo são sugeridas poucas alternativas de superação do quadro atual, sobretudo em relação às diferenças de aprendizagem em turmas com diversidade de faixa etária.

Os diferentes autores afirmam que, tradicionalmente, as avaliações em Educação Física, se resumem a aplicar alguns testes para medir o rendimento físico do aluno a serviço da manutenção da saúde, objetivando a melhoria no domínio biológico.

Segundo Taffarel *et al.* (apud SILVA, p. 2), na área de Educação Física, o ensino voltado para o paradigma da aptidão física tem contribuído para a formação de um homem forte, empreendedor, pronto para ser absorvido pelo mercado de trabalho.

Para Taffarel (1992, p. 2) a ênfase neste paradigma vem classificando e selecionando somente os mais aptos, os talentos esportivos e legitimando a discriminação, tudo isso tem servido para ocultar importantes reflexões sobre a aprendizagem dentro do ensino e da avaliação no contexto da Educação Física.

A avaliação da aprendizagem em Educação Física, quando realizada, denota claramente os aspectos quantitativos de mensuração do rendimento do aluno, através de gestos técnicos, destrezas motoras e qualidades físicas, visando principalmente à seleção e à classificação. Muitas das vezes, o único critério para aprovação e reprovação é a assiduidade dos alunos nas aulas.

Esta forma de avaliação contribui para a desvalorização dos alunos e para a redução das possibilidades pedagógicas da disciplina perante a comunidade escolar. Realizada neste contexto, a avaliação da aprendizagem indica uma simples verificação quantitativa daquilo que o aluno aprendeu dos conteúdos da Educação Física abordados. Avalia-se o resultado final e não o processo. Somente são levados em consideração os aspectos técnicos da avaliação. Essa forma de mensuração do aluno leva à desvalorização e à redução do conceito de avaliar, ocultando importantes reflexões sobre o processo de ensino-aprendizagem.

Costa (apud SILVA, p. 12), assegura que, na avaliação, não devemos valorizar apenas os resultados do produto final, este é representado pelo desempenho motor, com o objetivo de selecionar indivíduos com alta aptidão para os diferentes esportes.

Santos (2005, p.18), concorda com os autores acima ao afirmar que a avaliação continua sendo realizada pela obrigação imposta e não pela sua relevância. O autor concluiu após pesquisa realizada que o principal problema da avaliação educacional não está na assimilação de novos referenciais teóricos, e sim, na vivência concreta desses pressupostos, pois como afirma Martins (apud Santos, 2005, p.18), “a escola educa mais pela forma como organiza o processo de ensino do que pelos conteúdos ideológicos que veicula”. Então, onde está o canal entre essas práticas pedagógicas e as teorias acadêmicas? Será que este não é problema do referencial teórico assumido nas pesquisas?

Para o autor, uma constatação que se torna evidente, é a necessidade de se buscar e realizar uma investigação empírica que indicasse alternativas e possibilidades para se pensar em uma avaliação que pudesse ultrapassar o discurso teórico e viabilizasse novas formas de interpretação; pautadas nas práticas avaliativas dos professores.

Consciente dos desafios dessa prática, Perrenoud (apud SANTOS, 2005, p. 119-120) afirma que falar em mudanças na avaliação implica falar das relações entre as famílias e a escola, da organização das turmas, de como tratar individualmente as necessidades dos alunos, implica também pensar na didática e nos métodos de ensino, no contrato didático que se estabelece entre professor e aluno, na política institucional, nos planejamentos, nas questões curriculares, no sistema de seleção dos alunos. Mudar a avaliação ainda requer, segundo o autor, pensar nas satisfações pessoais e profissionais, no sentido de que a avaliação é fonte de estresse e preocupação para boa parte dos alunos e professores. Isto é, para Perrenoud (apud SANTOS, 2005, p. 119-120), mudar a avaliação significa mudar a escola, senão totalmente pelo menos o suficiente para que não nos envolvamos ingenuamente na mudança

das práticas de avaliação sem nos preocuparmos com o que as torna possíveis ou as limita.

[...] É necessário, em qualquer projeto de reforma, em qualquer estratégia de inovação, levar em conta o sistema e as práticas de avaliação, integrá-los à reflexão e modificá-los para permitir a mudança. Sem fazer disso o alfa e o ômega do sistema pedagógico, a avaliação tradicional é uma amarra importante, que impede ou atrasa todo tipo de outras mudanças. Saltá-la é, portanto, abrir a porta a outras inovações (PERRENOUD, 1999, p. 75).

Silva & Taffarel, (2009, p. 5), afirmam que o reconhecimento de contradições e a implementação de possibilidades superadoras devem ser intensificadas. As observações que os autores realizaram junto aos professores do Colégio de Aplicação da UFG indicam que as práticas avaliativas são problemáticas, de alta relevância, e seus estudos científicos podem contribuir na modulação das possibilidades de alteração na cultura pedagógica da escola.

Alem disso, para Melchior (apud BATISTA, 1999-2000, p. 66), se o professor não tem clareza sobre o que é avaliar, facilmente será prejudicado. E em função deste desconhecimento é que no percurso educacional do professor, durante seus anos escolares, este profissional se deparou com uma prática avaliativa que correspondia a interesses, fossem eles de uma dada pedagogia ou sociedade em seu determinado contexto.

Os instrumentos de avaliação, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, apud BERRIA et al, 2009), deverão atender a demanda dos objetivos educacionais expressos na seleção de conteúdos, abordados dentro das categorias conceitual, procedimental, e atitudinal.

Se no ensino tradicional a avaliação servia para aprovar ou reprovar ao final do trabalho, hoje precisamos assimilar a necessidade de avaliar, sermos avaliados para planejar e replanejar nosso trabalho com mais justiça, mais qualidade, além do crescimento pessoal e profissional de todas as pessoas envolvidas no início e durante todo o processo,(BERRIA et al 2009, p. 5).

O professor precisa estar consciente de suas decisões quanto a conteúdos, objetivos, procedimentos adequados e instrumentos de medidas.

Para (RAMOS, et al, 2009, p.6), faz-se necessário, que a área da Educação Física, considere as necessidades de classe dos alunos, e isso, inevitavelmente, está ligado à busca de outros entendimentos e instrumentos de avaliação não só na construção das práticas corporais, como também na própria organização do trabalho pedagógico que reflete a organização do trabalho material.

Palafox & Terra (1998, p. 3), com a finalidade de superar este quadro, apresentam novas concepções e referências avaliativas para promover um ensino comprometido efetivamente com a transmissão de valores e com conhecimentos ligados, tanto à construção de cidadãos críticos, solidários e participativos quanto de uma organização escolar e social mais justa, democrática e igualitária.

De acordo com a proposta curricular, o entendimento do conhecimento como uma totalidade complexa e dinâmica a ser aprendida na escola deve ser favorecido pela produção de um saber e implementação de um processo avaliativo que estejam vinculados à perspectiva crítica da educação, de tal forma que se promova a participação dos alunos em contextos em que o professor atue na qualidade de mediador provocando desafios, reflexões e diálogo permanente. Para os autores, esta questão é fundamental, pois, ela responde a duas grandes diretrizes traçadas, a liberdade e a autonomia, para a prática de uma educação que procura contribuir para a formação de cidadãos comprometidos ética, política e cientificamente com a construção do tipo de sociedade que almejamos. A avaliação educativa passa a ser, nesse contexto, parte de um processo de interação social e de construção do conhecimento que valoriza, dentre outros aspectos, o fato de que o erro faz parte do processo de aprendizagem e da aquisição de novos níveis de conhecimento, de habilidade e de atitude frente ao mundo.

Dessa forma, rejeita-se por parte dos autores estudados o entendimento reducionista relacionado à mensuração de resultados para fins de classificação dos alunos em talentosos ou incapazes por meio da utilização de testes padronizados, assim como o significado burocrático e limitado atribuído ao ato de dar nota, no sentido de que esta é geralmente entendida como uma forma de compensação ou castigo que deve ser dado ao aluno pelo seu aproveitamento.

Busca-se com este tipo de reflexão ampliar nossas concepções e visões, assim como analisar as condições do ensino da Educação Física Escolar numa perspectiva crítica da Educação, de tal forma que possamos repensar seus objetivos e, a partir destes, diversificar os instrumentos e as formas de avaliar, procurando a cada etapa do processo ensino-aprendizagem diagnosticar o crescimento dos alunos e, por outro lado, estabelecer, para o professor, parâmetros que encaminhem o replanejamento constante de sua ação docente.

Silva (1998, p. 16), a compreensão de mundo e de sociedade de cada um denota o projeto de sociedade que se tem. É necessário, portanto, buscarmos nesta complexidade, construir uma sociedade que não reforce o atual modelo capitalista que temos.

Para Silva, a avaliação da aprendizagem, da forma que vem sendo realizada, é, sem sombra de dúvida, a categoria que mais contribui para reforçar o modelo dominante que temos e os professores, conscientemente ou não, têm colaborado neste sentido. Segundo o autor, o primeiro passo para mudar essa situação seja unir a categoria avaliação e todas as outras que a ela estão relacionadas, através do estudo e da pesquisa sobre esta temática tão complexa.

“Se os estudantes dos cursos de licenciatura não tiverem a oportunidade de refletir sobre os pressupostos teóricos que embasam tais procedimentos, [eles] não desenvolverão uma consciência crítica para entender o que lhes acontece enquanto alunos e contribuir para reverter esse quadro na universidade e, posteriormente, nas escolas” (HOFFMANN apud BATISTA, 1999; 2000, p. 68).

Para Batista (2000, p.70), a avaliação deve deixar de ser um julgamento do desempenho do aluno, para ser um julgamento do processo, da caminhada em conjunto dos envolvidos na avaliação. Se este modelo (de avaliação) que se instala em instituições formadoras é o que vem a ser seguido pelos alunos quando passam a exercer a docência, devemos colocar este modelo em discussão, sem censuras de desvelar concepções individuais.

Os currículos dos cursos de formação não podem desvalorizar o poder do conhecimento na luta pela autonomia individual e social. É essencial que o professor domine conteúdos, métodos e procedimentos de ensino e saiba adequá-los ao seu aluno concreto. É *necessário também que compreenda o processo de construção social do conhecimento* e que perceba as origens da situação de crise em que vivemos, reconhecendo as causas da manutenção de uma ordem social tão perversa, (Batista, 1999; 2000, p.70).

Além disso, a criação de espaço de discussão é importante, na sala de aula, na coordenação, na direção, com pais e funcionários, sobre instrumentos avaliativos, indicadores avaliativos e critérios de avaliação. Para o autor, devem-se pesquisar os impactos e reflexos de um processo diferenciado de avaliação, após ser implementado, no terceiro grau, na formação de um profissional competente, a partir de um aluno comprometido, responsável pela construção e reconstrução do conhecimento. Ou seja, para o autor é necessário que o futuro professor de Educação Física possa estudar e vivenciar práticas avaliativas que superem a avaliação tradicional, desde a época da universidade.

Entendemos que a avaliação da aprendizagem escolar só acontecerá de maneira satisfatória para todos os envolvidos no processo ensino-aprendizagem, se nos empenharmos em discuti-la, coletivamente buscando soluções para os problemas que enfrentamos diariamente em nossa profissão de educador, (CUNHA, 2008, p. 265).

Segundo Cunha (2008) o conhecimento que permite o desenvolvimento de todos os envolvidos, se dá na relação com o outro. Nessa perspectiva o professor constrói sua formação, fortalece e enriquece seu aprendizado. Por

isso é importante ver a pessoa do professor e valorizar o saber de sua experiência.

Concordamos com Machado (apud SANTOS, 2005, p. 196). Segundo o autor, no terreno da avaliação, quase tudo está por ser realizado. Desse modo, apesar de existirem experiências recentes caminhando nessa perspectiva, ainda há a necessidade de trabalhos e pesquisas que venham discutir a avaliação dentro da proposta curricular em rede; além de discutir o *uso* da avaliação como *prática investigativa*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos, ao analisar os textos dos diversos autores, que a avaliação que se pratica hoje é uma avaliação que exclui os menos aptos para a Educação Física. Por outro lado a Avaliação que se defende; segundo os autores estudados, é uma avaliação inclusiva, que valorize as diferenças e as características individuais dos alunos.

Com relação às diferenças de aprendizagem e faixa etária dos alunos, durante a pesquisa encontramos mais críticas à Avaliação classificatória do que sugestões e orientações para a prática de uma avaliação inclusiva e que respeite as individualidades dos alunos.

Acreditamos que a avaliação nas aulas de Educação Física deve respeitar a individualidade dos alunos e o desenvolvimento de suas habilidades, capacidades e crescimento físico e mental; sem comparar os mesmos, considerando as limitações e os avanços de cada um. A comparação só deve existir no âmbito pessoal, como sugere Hoffmann (1998); ou seja, quais os conceitos, habilidades e atitudes o aluno apresentava no início das aulas e quais ele detém após o estudo. A seguinte pergunta deve ser feita: o aluno aprendeu o que foi planejado? Ele avançou?

Se o processo avaliativo implicar um olhar valorativo e investigador sobre as diferentes formas de ser e de pensar dos educadores e educandos, poderá ultrapassar o individualismo e gerar a cooperação e a interdisciplinaridade na produção do conhecimento escolar. (HOFFMANN, 1998, p.33).

O primeiro passo para mudar a situação atual da avaliação em Educação Física, pode ser adequar a avaliação à realidade de cada turma e aluno, através do estudo e da pesquisa sobre esta temática tão complexa. Concordamos com Batista (1999). É necessário discutirmos mais sobre esse tema, trocarmos idéias e experiências positivas que possam preparar os professores para avaliar de forma inclusiva e valorizar as diferenças dos alunos; contribuindo assim para o aprendizado em Educação Física.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Marco Antônio Medeiros. **Avaliação: um intervir sobre a Produção do conhecimento**. Pensar a Prática 3: 65-71, Jul./Jun. 1999-2000.

BERRIA, Juliane; BEVILACQUA, Lidiane Amanda; DARONCO, Luciane Sanchotene Etchepare. **“A avaliação escolar no curso de educação física – licenciatura plena do cefd/ufsm, segundo a opinião do corpo discente”**. Anais do XVI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e III Congresso Internacional de Ciências do Esporte. Salvador – Bahia – Brasil 20 a 25 de setembro de 2009.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais** de 5ª a 8ª Séries do Ensino Fundamental. Educação Física/Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais / Ensino Fundamental. Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF. 1998.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

CUNHA, Virginia Maria Próspero. **Avaliação da aprendizagem em Educação Física: Um estudo com professores formadores**. Doutorado em Educação Psicologia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo 2008.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3ª Ed. São Paulo: Atlas, 1991.

GONZÁLEZ, F J.; FENSTERSEIFER, P E. **Dicionário Crítico de Educação Física**. Ijuí: Unijuí, 2005.

HADJI, Charles. **A avaliação, regras do jogo**. Das intenções aos instrumentos. Porto: Porto Editora, 1994.

HAYDT, Regina Cazaux. **Avaliação do processo Ensino- Aprendizagem**. São Paulo: Ática, 2004.

HOFFMAN, Jussara. **Pontos e contrapontos: do pensar ao agir em avaliação**. 7ª edição Porto Alegre: Mediação, 1998.

LAGE, Nildo. **Avaliar para quê**. Revista Construir Notícias. Construir, janeiro – fevereiro 2009.

[LIBÂNEO, J. C. Didática. São Paulo: Cortez, 1994 \(Coleção magistério 2º grau\).](#)

LUCKESI, Cipriano Carlos. **O objetivo da avaliação é intervir para melhorar**. In: Revista Nova Escola. São Paulo, Ed. ABRIL, abril de 2006.

_____. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

PALAFIX , Gabriel H. Muñoz ; TERRA , Dinah Vasconcellos . **Introdução à avaliação na educação física escolar**. Arquivo consultado em 20 de outubro de 2010. Disponível na internet via <http://www.revistas.ufg.br/index.php/fe/article/viewArticle/9/2614>

PERRENOUD, Philippe. **O papel da avaliação**. In: Pátio – Revista Pedagógica. Porto Alegre: Editora Artmed. Ano XIII, n.50, maio/julho 2009, p 8-11.

RAMOS, Fabrício Krusche; RIBAS, João Francisco Magno; SOUZA, Maristela da Silva. **Avaliação na educação física escolar no processo da organização do trabalho pedagógico**. Anais do XVI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e III Congresso Internacional de Ciências do Esporte. Salvador – Bahia – Brasil 20 a 25 de setembro de 2009.

SANTOS, Wagner dos. **Avaliação na educação física Escolar: Do mergulho à Intervenção**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Educação. Belo Horizonte/MG 2005.

SILVA, Alcir Horácio; TAFFAREL, Celi Nelza Zulke. **A organização do trabalho pedagógico e a avaliação da aprendizagem na educação física do colégio de aplicação da UFG: realidade e possibilidades**. Anais do XVI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e III Congresso Internacional de Ciências do Esporte. Salvador – Bahia – Brasil 20 a 25 de setembro de 2009.

SILVA, Alcir Horácio. **A avaliação da aprendizagem em Educação física escolar: Desvelando a categoria.** Pensar a Prática 2: 101-118, Jun./Jun. 1998-1999.